

Atuação do clero na preservação da língua e da identidade ucraniana (Prudentópolis/Paraná, século XX)

Lourenço Resende da Costa¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v13i38.52631>

Resumo: Os imigrantes ucranianos chegaram a Prudentópolis - PR no final do século XIX e naquela mesma época já vieram para o Brasil os primeiros padres da Ucrânia a pedido dos recém-chegados. Nesse artigo o objetivo é analisar como a atuação de padres, freiras e catequistas de origem ucraniana contribuiu para a manutenção de uma etnocultura linguística e religiosa. No município, os ucranianos que se instalaram eram católicos e a Igreja Ucraniana, devido ao seu rito, foi responsável em grande medida pela preservação da língua e, a partir do idioma, da construção da identidade. As fontes utilizadas foram entrevistas com membros do clero, bem como pessoas descendentes de imigrantes residentes no município. A análise realizada é que a Igreja, a partir da atuação do clero, é grande responsável pela preservação da língua e (re)construção da identidade.

Palavras-Chave: Língua ucraniana; Igreja Ucraniana; Prudentópolis-PR; Identidade.

Performance of the clergy in the preservation of the Ukrainian language and identity (Prudentópolis / Paraná, 20th century)

Abstract: Ukrainian immigrants arrived in Prudentópolis - PR at the end of the 19th century and, at the same time, the first priests from Ukraine came to Brazil at the request of the new arrivals. In this article, the objective is to analyze how the work of priests, nuns and catechists of Ukrainian origin contributed to the maintenance of a linguistic and religious ethnoculture. In the municipality, the Ukrainians who settled in were Catholics and the Ukrainian Church, due to its rite, was largely responsible for the preservation of the language and, from the language, for the construction of identity. The sources used were interviews with members of the clergy, as well as people descended from immigrants living in the municipality. The analysis carried out is that the Church, based

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Professor de História no Ensino Fundamental e Médio pela Secretaria de Estado da Educação do Paraná - SEED. Email: resendecosta@gmail.com

on the work of the clergy, is largely responsible for the preservation of language and (re) construction of identity.

Keyword: Ukrainian language; Ukrainian Church; Prudentópolis-PR; Identity.

Actuación del clero en la preservación del idioma y la identidad ucraniana (Prudentópolis / Paraná, siglo XX)

Resumen: Los inmigrantes ucranianos llegaron a Prudentópolis - PR a fines del siglo XIX y, al mismo tiempo, los primeros sacerdotes de Ucrania llegaron a Brasil a pedido de los recién llegados. En este artículo, el objetivo es analizar cómo la actuación de sacerdotes, monjas y catequistas de origen ucraniano contribuyó al mantenimiento de una etnocultura lingüística y religiosa. En el municipio, los ucranianos que se instalaron eran católicos y la Iglesia ucraniana, debido a su rito, era en gran medida responsable de la preservación del idioma y, desde el idioma, la construcción de la identidad. Las fuentes utilizadas fueron entrevistas con miembros del clero, así como personas descendientes de inmigrantes que viven en el municipio. El análisis realizado es que la Iglesia, basada en el trabajo del clero, es en gran parte responsable de la preservación del lenguaje y (re) construcción de la identidad.

Palabras Clave: idioma ucraniano; Iglesia ucraniana; Prudentópolis-PR; Identidad.

Recebido em 13/03/2020 - Aprovado em 11/05/2020

A história dos ucranianos que vieram para o Brasil está intimamente marcada pela presença da Igreja, pois, logo após a chegada das primeiras famílias, alguns imigrantes enviaram cartas para a Ucrânia solicitando a vinda de sacerdotes: “Em 1895, líderes (Teodoro Pototzkij, Gregório Kulhtchenskyi e Gregório Montchak) de Rio Claro e Mallet escreveram ao cardeal Silvestre Symbratovyth, Arcebispo de Lviv, pedindo sacerdotes” (MARINHUK, s/d, p. 3).

Os primeiros padres ucranianos chegaram ao Brasil em 1896, mas eram Diocesanos, uma Ordem que permitia o matrimônio: “Ao perceber a grande tensão que se criava com o clero latino em relação à vinda de clérigos casados, os imigrantes, ansiosos por viver a sua religiosidade e pretendendo rezar no seu próprio rito, começaram a se mobilizar na busca de sacerdotes celibatários” (MARINHUK, s/d, p. 4). Em 1897 chegou a Curitiba o padre Silvestre Kizema, o primeiro sacerdote da Ordem de São Basílio Magno (OSBM) a vir para o Brasil, no mesmo ano se dirigiu para Prudentópolis - PR (SKAVRONSKI, 2015, p. 29).

No município, os padres dessa Ordem estão presentes há mais de 120 anos, e a Paróquia São Josafat já ultrapassou um século de existência: “O decreto da criação da paróquia deu-se no ano de 1904, assinado por Dom José Camargo, arcebispo de Curitiba” (METROPOLIA.a, s/d). Uma característica importante da Igreja Ucraniana, além de seu rito e da língua, é sua arquitetura. A construção, que apresenta cúpulas em estilo bizantino, é estruturada em forma de cruz. Além disso, não se utilizam estátuas e sim ícones (ANDREAZZA, 1996, p. 87). O altar onde é feita a consagração do pão e do vinho normalmente fica oculto por uma parede com diversas imagens, separado da assembleia e de acesso restrito (TAMANINI, 2017, p. 118).

A língua ucraniana permanece em grande medida com uma condição etnorreligiosa (OGLIARI, 1999, p. 30). Portanto, a Igreja - tanto a Instituição como suas edificações - pode ser considerada um espaço praticado, na perspectiva certonianiana, em que a tradição linguística é preservada. O *espaço*, ao contrário do *lugar*, não é fixo e imutável, e se transforma conforme as pessoas o vivenciam (CERTEAU, 1994). Daí que as celebrações possam ser transformadas em agentes de construção identitária. O espaço, além do seu aspecto sacralizado, pode ser praticado de modo a ser onde a língua, unida ao religioso, encontra ambiente favorável à sua perpetuação.

Os primeiros sacerdotes que vieram da Ucrânia, assim como a imensa maioria dos ucranianos que chegaram no final do século XIX, não falavam português. Portanto, havia um campo propício para que os padres basilianos desempenhassem seu papel de liderança frente aos compatriotas. Na perspectiva defendida por Bourdieu (2008, p. 93), em que o indivíduo tem seu discurso autorizado quando pertencente a uma instituição, a Igreja dava a legitimidade necessária ao trabalho dos sacerdotes. Esse amparo institucional foi fundamental nos primeiros tempos, e não apenas em Prudentópolis. Em Antônio Olyntho, também no Paraná, o padre João Michalczuk usava sua posição para impor regras à comunidade, inclusive em assuntos privados (ANDREAZZA, 1996, p. 97).

Na avaliação do Pe. Tarcísio, a Igreja possui um papel fundamental na preservação da língua:

Eu acho que aqui em Prudentópolis a língua ucraniana se conservou graças à Igreja porque as celebrações eram feitas em ucraniano e os primeiros que vieram da Ucrânia eles do começo não sabiam português (...) podemos dizer que a Igreja teve muita influência. Que todas as celebrações,

inclusive até pouco tempo as prédicas, sermões eram feitas em ucraniano. Agora não né².

Pe. Tarcísio nasceu em 1938, portanto, passou a infância em um período em que falar o ucraniano em primeiro lugar era comum. Mesmo não tendo nascido em Prudentópolis, sua comunidade natal, na área rural do município de Guarapuava, era propícia ao uso do idioma eslavo. Após formação no extinto Seminário São José, em Prudentópolis, no seminário basiliano, em Curitiba, e no Instituto Oriental, em Roma, ele iniciou sua vida sacerdotal numa época em que toda a liturgia podia ser feita em língua ucraniana, inclusive a homilia, o famoso sermão, que toda a assembleia compreendia e respondia da maneira adequada. Mas, após mais de 50 anos como padre, ele constata que hoje já é complicada, quase impossível, uma celebração 100% na língua trazida da Ucrânia.

O sacerdote presenciou as mudanças em relação ao uso da língua e a (re)construção da identidade ucraniana nos últimos 50 anos (no mínimo). Ele nasceu, cresceu e realizou sua preparação para o sacerdócio em um ambiente em que o idioma ucraniano era majoritário e, posteriormente, viu o bilinguismo tornar-se uma realidade necessária. Na sequência, o bilinguismo aos poucos foi substituído por um estado de *diglossia*, ou seja, a língua ucraniana passou para o segundo plano nas tratativas cotidianas (MARTINY; MENONCIN, 2013). Essa mudança chegou a um ponto em que o ucraniano, na visão do padre, passou a ser difícil de preservar, devido ao desinteresse dos jovens.

Em discursos como o do Pe. Tarcísio surgem sempre expressões como “antigamente era diferente”, “no tempo dos mais velhos era de tal maneira”, e assim por diante. Nesse contexto de mudanças constantes, nem todos os atores sociais acompanham tais clivagens e a adaptação é complexa (CERTEAU, 1998, p. 117). Esse tipo de discurso é perfeitamente compreensível, pois o relato e as lembranças do passado são produzidos e influenciados pelo momento presente. Como justificativa ao menos parcial para a diminuição do uso da língua ucraniana, Pe. Tarcísio salienta o domínio soviético sobre a Ucrânia. Em sua visão, o fato da Rússia impor durante décadas aos ucranianos o uso do russo fazia com que quem estava no estrangeiro não se interessasse pelo ucraniano.

² Pe. Tarcísio. **Entrevista** realizada em 17 de agosto de 2018.

Mas o contexto do qual era originária a maior parte dos imigrantes ucranianos que se instalaram em Prudentópolis era a Rússia czarista do século XIX e do Império Austro-Húngaro. Portanto, nas comemorações o presente pode dar o tom das opiniões e impressões sobre a importância da perpetuação da língua: “A Ucrânia passou por momentos difíceis era um país muito humilhado pela Rússia (...) então o povo, teve um tempo que tinha vergonha de ser ucraniano. Agora, depois da independência apareceu gente que se interessa” (Pe. Tarcísio).

A narrativa do religioso deixa transparecer que a construção da identidade etnocultural ucraniana passa necessariamente pelo uso da língua. O contato não precisa ser necessariamente conflituoso, mas no caso de russos e ucranianos, por exemplo, as aproximações não são nem um pouco amistosas, tanto no período czarista como na época soviética e mesmo no século XXI (ADAM, 2008, p. 83). Quanto ao Brasil, o sacerdote também rememora que, durante a Era Vargas, o padre José Martenetz, depois ordenado o primeiro bispo ucraniano no país, era vigiado e não tinha liberdade de se comunicar livremente com seus paroquianos no idioma ucraniano.

Para o Pe. Antônio, a língua ucraniana em Prudentópolis não teria razão de continuar sendo utilizada sem o viés religioso. A respeito do papel da Igreja na preservação do idioma ele afirma:

Eu acho que é fundamental que é a partir desse contato com a Igreja que as pessoas... vamos pensar assim: que a motivação e a preservação da língua. Se tirar o quesito religião não sei para que teria necessidade de uma língua ucraniana aqui. Tirando talvez o religioso se esvazia a cultura, tirando a cultura da religião também sofre um déficit muito grande. Tá tudo junto as coisas. Inseparáveis. (Pe. Antônio)³.

Outro sacerdote entrevistado também ressaltou a estreita ligação entre a religião e a língua, mas essa influência da Igreja não se restringiu, na avaliação deste, apenas aos atos litúrgicos propriamente ditos. O catolicismo seguido pelos descendentes de

³ Pe. Antônio. **Entrevista** realizada em 18 de agosto de 2018.

ucranianos em Prudentópolis é praticamente indissociável do idioma, e este foi praticado além do espaço sagrado.

Quanto à língua ucraniana e a Igreja, eu creio que elas estejam aqui no Brasil, na nossa realidade bastante interligadas. Isso os livros, a História comprovam e também é minha percepção pessoal. A língua ucraniana foi mantida devido a essa ligação com a parte religiosa digamos assim. Pelo fato das divinas liturgias serem em ucraniano e também todos os livros litúrgicos, durante muito tempo os materiais de catequese serem em ucraniano fizeram com que... assim colaboraram para que as famílias mantivessem a língua ucraniana na casa, na conversação. Não só a parte da celebração, da liturgia, da catequese, mas a conversação na casa, na família foi muito mantida devido também a este fator e deste fenômeno. (Pe. Adalton)⁴.

No novo ambiente, diante das possibilidades de contatos culturais, os ucranianos se depararam com uma situação totalmente inédita, mas no contexto prudentopolitano a presença da Igreja foi mantida ao longo dos mais de 100 anos de presença ucraniana no município. Nessas circunstâncias, em que novos interlocutores entraram em cena, as fronteiras identitárias precisaram ser (re)definidas e os sacerdotes, conforme narrativa do Pe. Adalton, se outorgaram o papel de garantir que características de identificação importantes, como a língua, se mantivessem como um sinal de distinção: “Uma cultura por si só não produz uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações entre os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações” (CUCHE, 2002, p. 182). O uso do idioma, no caso dos descendentes de ucranianos, é um procedimento de identificação e distinção dentro de um conjunto de aspectos de uma cultura mais ampla.

A postura dos padres em face dos imigrantes e descendentes ajudou a ratificar sua posição de autoridade sobre os fiéis e, como consequência, sua condição de ditar condutas.

⁴ Pe. Adalton. **Entrevista** realizada em 14 de setembro de 2018.

Esses padres que vieram da Europa eles eram assim bastante rigorosos nisso né. Raramente eles falavam em português entre eles e cuidavam muito para que se mantivesse a língua. Hoje a realidade é um pouco diferente né, nós não temos mais padres trabalhando aqui no Brasil que sejam ucranianos. (Pe. Adalton).

Na entrevista com Sônia (1949)⁵ há referência explícita à autoridade que os padres exerciam na vida dos imigrantes e seus descendentes em Prudentópolis: “Aqui tinha o velho [padre] Zinko. Mas Deus o livre se fosse dizer bom dia pra ele [em português]. Mas Deus o livre! Isso não se falava com ele. Os padre antigo eram assim, eles era todo ucráino, tudo era em ucráino e não tinha outra língua não”⁶.

A “opinião” dos sacerdotes é algo considerado pelos descendentes dos imigrantes. Sofia (1952) destacou que os padres conversam em língua portuguesa quando fazem visitas às famílias em datas especiais ou por alguma eventual necessidade⁷. Mas, quando é sabido pelo religioso que na casa visitada as pessoas sabem falar o ucraniano, o sacerdote costuma dialogar em tal língua e fazer elogios à família pela manutenção desta e dos costumes. O que é relevante reter da informação de Sofia é a satisfação com que ela se referiu aos elogios dos padres.

Cecília (1942), embasada em relatos ouvidos dos pais e outras pessoas mais velhas, lembrou que *antigamente* os padres não gostavam que moças ucranianas casassem com brasileiros ou poloneses⁸. No caso dos poloneses a contrariedade estava, muito provavelmente, relacionada aos atritos entre os dois grupos no Velho Continente. Já o motivo da oposição aos brasileiros não fica claro, mas uma possibilidade que pode ser aventada está relacionada à cor da pele: Carlos (1985), Claudete (1980) e Adriane (1986), por exemplo, falam claramente que os mais *antigos*, em referência aos imigrantes e

⁵ As fontes orais serão referenciadas ao longo do texto com o ano de nascimento entre parêntesis. Sônia (1949) significa, portanto, que a entrevistada nasceu em 1949. No caso dos membros do clero essa menção ao ano de nascimento não será feita, pois antes do nome serão utilizadas abreviaturas: Padre (Pe); Catequista (Cat); e Freira ou Irmã (Ir).

⁶ Sônia (1949). **Entrevista** realizada em 25 de maio de 2017.

⁷ Sofia (1952). **Entrevista** realizada em 20 de janeiro de 2017.

⁸ Cecília (1942). **Entrevista** realizada em 20 de janeiro de 2017.

primeiras gerações nascidas no Brasil, não incentivavam tais uniões e por vezes declaravam abertamente tal posição⁹.

A catequista¹⁰ Nádia enfatizou a visão sacralizada que as famílias ucranianas, sobretudo da zona rural, têm dos padres: “As famílias do interior de Prudentópolis são bastante tradicionais que preservam os costumes e tradições ucranianas e para elas, a voz do padre é a voz de Deus”¹¹.

Isso reforça a tese da importância da Ordem de São Basílio Magno para a manutenção da língua e, conseqüentemente, da identidade étnica ucraniana em Prudentópolis. Mas, mesmo com a atuação da Igreja, o uso da língua diminuiu ao longo do século XX e início do XXI. Os padres reconhecem, com certa naturalidade ou resignação, as dificuldades em relação à manutenção do idioma na vida cotidiana e mesmo nas celebrações: “O declínio da língua é um fenômeno muito natural. É um fato que a língua em um país estrangeiro ela vai deixar de existir cedo ou tarde. Já o fato dela ter se mantido até hoje é bastante surpreendente” (Pe. Adalton).

Para o Pe. Antônio, “a função da língua era em função do religioso. Porque quando nós vemos a religião e a cultura elas estão entrelaçadas. Então quando você não tem a religião não tem um *para quê*. Eu acho que a língua tinha uma função *para quê*?. Na avaliação do padre basiliano, a língua tinha uma função muito específica: o exercício da religiosidade. Mas essa questão religiosa abarca uma dimensão cultural ampla; dentro da própria Igreja há debates para tentar resgatar a tradição bizantina, sendo que o idioma é parte constitutiva do rito oriental (HANICZ, 2013, p. 1-4).

Não por acaso, praticamente todas as pessoas entrevistadas, independente de sua idade, declararam que é na Igreja onde utilizam o idioma ucraniano. A Igreja se torna um espaço, na perspectiva de Certeau (1994), na medida em que é *praticado* pelas pessoas, pois o *espaço igreja* não se restringe às delimitações físicas do templo. Para o autor, o espaço não precisa ser físico ou delimitado, ele precisa ser *praticado*, ou seja, as características/funções/finalidades de um local são dadas pelas pessoas que o frequentam. Os modos como as pessoas vivenciam o que ocorre dentro da edificação, bem como as atividades relacionadas à religião, ainda que em outros locais, fazem da

⁹ Carlos (1985). **Entrevista** realizada em 23 de maio de 2017; Claudete (1980). **Entrevista** realizada em 25 de maio de 2017; Adriane (1986). **Entrevista** realizada em 23 de maio de 2017.

¹⁰ As Catequistas são mulheres consagradas que se dedicam, além de atividades profissionais diversas, às atividades pastorais. As catequistas que vivem e trabalham em Prudentópolis pertencem ao Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus, fundado em 1940.

¹¹ Cat. Nádia. **Entrevista** realizada em 31 de agosto de 2018.

instituição um *espaço* com significados múltiplos. Para algumas pessoas é exclusivamente local da religião, para outras pode ser também local de manutenção da língua, tradição, identidade...

O *espaço*, justamente por não ser imóvel, sofre alterações à medida que os indivíduos o praticam. Em Curitiba, conforme Tamanini (2017, p. 104), a liturgia é cada vez menos compreensível para as gerações mais jovens. Em Prudentópolis, parte das celebrações já são traduzidas, sendo a homilia o momento em que mais é utilizada a língua portuguesa. Se a missa é composta por partes fixas, rezadas pelo sacerdote e respondidas pela assembleia de maneira muito parecida em quase todas as celebrações¹², o sermão muda, pois mudam as leituras e o Evangelho. A homilia é uma interpretação que o sacerdote faz levando em conta não somente o texto da Bíblia, mas a comunidade em que está realizando a celebração, acontecimentos que são utilizados como exemplos, etc. Todos precisam compreender bem o que o sacerdote diz e, por esse motivo, no decorrer das décadas as homilias exclusivamente em ucraniano foram sendo substituídas por sermões em português.

Para Pe. Antônio, a homilia em português é necessária, pois é preciso se fazer entender por isso é preciso traduzir. Mas, ele fez questão de enfatizar que toda tradução é infiel e que, na sua avaliação, a liturgia perde muito quando é feita em português, pois há palavras que literalmente são intraduzíveis.

As mudanças que a língua sofre, em face dos contatos com outros idiomas e culturas, podem ser vistas como uma perda de identidade ou, pelo menos, uma reconfiguração desta:

Existe uma parte do jornal da *Prúcia*, inclusive o Pe. Tarcísio que faz que é o tal do *Injo Chelo* é um negócio do jornal bem interessante que é uma mistura do ucraniano com o português é um espaço humorístico, mas que traz muito tom da realidade dos nossos interiores. Então essa mistura faz com que vai se perdendo aos poucos. (Pe. Antônio).

¹² Pelo menos dentro das divisões do Ano Litúrgico: Tempo Comum, Pascal, Advento, etc.

Podemos tecer uma relação entre o *Iujo Chelo*, que compõe uma parte das publicações atuais do *Prúcia* (Trabalho)¹³, e a percepção de Claudete (1980) a respeito da língua ucraniana usada em Prudentópolis. Para nossa entrevistada, o ucraniano falado no município é um patrimônio da humanidade, pois não há igual em outros lugares. A entrevistada atribui essa situação peculiar ao fato deste ucraniano não ter passado pelas inovações/atualizações que ocorreram na Ucrânia. Dessa forma foi possível o surgimento, por exemplo, do *Iujo Chelo*, mencionado pelo Pe. Antônio.

Na Europa, as mudanças/aperfeiçoamentos/alterações ocorrem dentro de um contexto em que a língua ucraniana, mesmo com as pressões soviéticas e/ou russas, é majoritária em parte da Ucrânia; dessa forma, lá ocorre uma transformação linguística em consonância com as mudanças da cultura em geral. No Brasil, mais especificamente em Prudentópolis, o ucraniano tem o *status* de língua estrangeira e é limitado por fronteiras étnicas.

A tradução não é apenas um desafio por conta do vocabulário, da inexistência de termos adequados na língua para a qual se traduz. A questão não é meramente gramatical, pois as pessoas “pensam” e verbalizam sentimentos na língua materna.

Na capital paranaense há divisão quanto à religião também entre os descendentes de ucranianos: uma parte professa o cristianismo católico, mas de rito bizantino, e outra o cristianismo ortodoxo; embora possuam a mesma origem étnica, rivalizam quanto à identificação religiosa (TAMANINI, 2017, p. 35). No caso de Prudentópolis, em que a maioria das pessoas das comunidades eram/são católicas, não era/é incomum pessoas se deslocarem de uma comunidade para outra para participar da liturgia, em razão do rito (bizantino ou latino). Há localidades que têm igreja “brasileira” e não ucraniana, então os descendentes de ucranianos deslocam-se, mesmo ambas as igrejas seguindo as diretrizes do papado.

Embora a tradução da missa, ou pelo menos de parte dela, já seja feita, existe uma pressão, ainda que muitas vezes implícita, para que ela seja ampliada (SKAVRONSKI, 2015), tendo em vista que os mais jovens não conseguem compreender muitos pontos das celebrações. Em Curitiba, tanto a igreja ucraniana católica quanto a ortodoxa enfrentam dificuldades, em razão do idioma não ser acessível aos fiéis de todas as faixas etárias (TAMANINI, 2017, p. 121). A Igreja ucraniana continua, em Prudentópolis pelo menos, mesclando a necessidade da adequação aos novos tempos com a manutenção da tradição:

¹³ Jornal editado em Prudentópolis desde 1912 pelos padres basilianos. Até a década de 1990 era

A língua ela expressa a mentalidade de um povo. Então ela é importante nesse sentido que ela expressa aquilo que está dentro do coração, dentro da alma, ela verbaliza os pensamentos e a maneira de pensar de um povo. Então num sentido mais puro, mais original ela é importante (...) Aquele velho ditado, *toda tradução é uma traição*. Quando a gente traduz as coisas, a gente perde muito. (Pe. Adalton. Grifo nosso).

Pe. Adalton se refere ao adágio italiano *traduttore, traditore*, ou seja, que o tradutor é um traidor; mas o próprio conceito de tradução não é unívoco: “O próprio termo *tradução* é polissêmico e pode significar: (a) o produto (ou seja, o texto traduzido); (b) o processo do ato tradutório; (c) o ofício (a atividade de traduzir); ou, (d) a disciplina (o estudo interdisciplinar e/ou autônomo)” (SOUZA, 1998, p. 51). Mas, mais importante que fazer as devidas distinções é ponderar que comumente se fala da existência das chamadas traduções *literais e livres*, as primeiras centradas na *forma* e as segundas no *sentido* da mensagem (SOUZA, 1998, p. 52).

O ditado italiano *traduttore, traditore* se refere em grande medida à ideia de que o tradutor não é fiel ao que o autor “original” escreveu, e se apregoa que a fidelidade ou equivalência deve ser buscada nesse tipo de trabalho (FARIA, 2010). Mas o problema da ideia de *fidelidade* ou *equivalência* é que, no ato da transliteração de um texto de uma língua para outra, o trabalho nunca é exato:

Em relação à “equivalência”, portanto, ao se falar em tradução, é muito mais seguro utilizar outro termo, reportando a semelhança, similaridade, adequação do texto de chegada em relação ao texto de partida. Assim evita-se principalmente o conceito matemático daquela expressão, a qual deixa implícita a ideia de tradução como algo que é preciso, exato, simétrico e, portanto, passível de um juízo de valor pretensioso e prescritivo, sem levar em conta as

totalmente em língua ucraniana, atualmente é bilíngue.

inúmeras variáveis e a complexidade que compõem o processo tradutório. (FARIA, 2010, p. 92).

Os especialistas nesta temática também ressaltam as discussões acerca da possibilidade ou não de um texto ser *original* em sentido estrito, pois “o próprio autor de um texto ‘traí’ a si mesmo, e o que se chama de ‘original’ está irremediavelmente preso no âmbito das ideias formuladas ainda em pensamento” (FARIA, 2010, p. 93). Daí que a ideia da *originalidade* precisa levar em conta que a língua não é um veículo perfeito, e que não consegue expressar com exatidão tudo que se pensa e sente (FARIA, 2010, p. 93).

Os padres Antônio, Adalton e Tarcísio ressaltaram esse enfrentamento: a importância da língua para a boa celebração do rito, sua relevância para a identidade e, ao mesmo tempo, a necessidade da tradução onde não é possível rezar em ucraniano.

De acordo com a catequista Nádia, “quando o padre já não usa o idioma ucraniano no Evangelho e homilias, ele está colaborando para que as crianças e jovens não falem mais sua língua de origem. Os padres deveriam incentivar seus paroquianos a preservarem o idioma (...) dando exemplo”. Por outro lado, justamente por ser amparado pela Instituição, o padre tem responsabilidade sobre seus paroquianos e, de certo modo, tem sua conduta “vigiada” por estes.

Nádia, que já atuou em diversas comunidades do interior de Prudentópolis, comentou que, para que o trabalho das catequistas tenha maior efetividade, é fundamental a atuação do sacerdote local. Ela diz isso baseada em atividade desenvolvida na zona rural em que, auxiliada por outra catequista, fez trabalho em que a “catequese, leitura e escrita, cantos, teatros, [eram] somente em ucraniano”. Porém, o padre que atendia a comunidade local passou repentinamente, segundo ela, a ler o Evangelho e a fazer a homília apenas em português. Esse fato gerou contrariedade e incompreensões na comunidade: “Após a missa, algumas *babunbas*¹⁴ vinham desabafar conosco que não gostam e não entendem a fala do padre e gostariam que a *prática*¹⁵ fosse em ucraniano”.

O que podemos concluir a partir da experiência da catequista, bem como do relato ouvido por ela de algumas senhoras, é que a comunidade, pelo menos em parte, continua enxergando na Igreja e na figura do padre não apenas a questão religiosa, mas também o pertencimento identitário. A Instituição e o sacerdote ainda são vistos como

¹⁴ *Babunbas* (ou Bábás) são mulheres idosas, normalmente mães e avós que, por costume e idade, usam lenço na cabeça.

¹⁵ Homília ou sermão.

responsáveis pela sobrevivência de costumes e pela não dissolução de fronteiras, sendo que a língua faz parte desse pertencimento. Diante da liderança exercida pelo clero e do uso exclusivo do idioma ucraniano na liturgia durante tantas décadas, as traduções soam estranhas para algumas pessoas. Soam como se uma parte da identidade estivesse sendo perdida ou modificada e, nesses momentos, surgem os debates identitários (BAUMAN, 2003, p. 40-41).

A partir das entrevistas com os sacerdotes ficou claro que, na visão deles, a língua é importante para a cultura e a identidade. Mas eles também deixaram explícito que, entre manter a língua ucraniana e fazer com que a mensagem do Evangelho seja compreendida, a segunda opção será priorizada. À medida que a sociedade se laiciza ou conforme as pessoas passam a sofrer menos influência da Igreja, estariam a língua ucraniana e a identidade étnica perdidas em Prudentópolis?

Essa pergunta é difícil de ser respondida, pois não é próprio do ofício do historiador tecer previsões para o futuro. Mas com as entrevistas foi possível perceber que a fronteira com o outro foi, sim, construída pela diferença no idioma, e não apenas por conta da religião. As comunidades distantes, em que o sacerdote não estava presente todos os domingos celebrando a liturgia, continuaram falando a língua dos antepassados. O que ocorreu em Prudentópolis é que, ao longo do tempo, a Igreja passou a exercer cada vez mais uma função de salvaguarda do idioma.

A atuação das freiras e catequistas ucranianas

No momento da chegada das freiras da Congregação das Irmãs Servas de Maria Imaculada (ISMI), o ucraniano era sem dúvida utilizado pela facilidade de comunicação; mas, ao longo do tempo, continuar a usar o idioma não é apenas uma questão de escolha ou apenas resultado da passagem “natural” do tempo. No caso das catequistas do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus (ISCSCJ), sua instituição foi criada em um contexto de proibição da língua, mas não da religião; portanto, a opção pela língua pode ser fruto das interações de cada época. E, nesse ambiente, a identidade pode ser reforçada ou redefinida, os critérios podem ser mantidos ou alterados.

A Congregação ISMI surgiu na Ucrânia em 1892 e suas primeiras religiosas chegaram ao Brasil em 1911 (METROPOLIA.b, s/d). Em Prudentópolis, sua presença junto aos imigrantes ucranianos e seus descendentes foi fundamental, não apenas nos aspectos religioso e pastoral. Sua ação foi relevante também na área educacional, pois era comum, nas comunidades em que chegavam, assumirem ou fundarem escolas

(ZAWADZKI, 1998, p. 28). As duas freiras entrevistadas, Ir^a Teodósia e Ir^a Inês, são professoras e atuam na rede pública¹⁶.

Foram as freiras que realizaram grande parte da catequização nas áreas rurais do município entre 1911 e a década de 1940. Em um período em que a única língua falada pelos ucranianos e descendentes era aquela trazida da Europa, elas se esforçavam no trabalho de tradutoras do português para o ucraniano e do ucraniano para o português, conforme a necessidade (Ir^a Teodósia).

O Instituto das catequistas foi criado em Prudentópolis, em 1940, pelo Pe. Cristóforo Miskiw; desde então, elas atuam no trabalho pastoral¹⁷. Também trabalham como docentes de diferentes disciplinas, conforme sua formação, tanto em colégios particulares como na rede pública. Podem ter outras profissões, mas a maioria é da área educacional (o Instituto pode receber apoio da Igreja, mas o sustento das catequistas vem de seus próprios salários). Entre seus objetivos podemos citar: “Preservação e propagação da *identidade* e espiritualidade do rito oriental ucraniano-bizantino, *da língua*, dos valores espirituais, religiosos, morais, éticos, culturais e sociais herdados dos ancestrais ucranianos” (METROPOLIAc. s/d. Grifo nosso).

Podemos perceber que o objetivo do Instituto é a preservação de uma cultura - ou de uma etnocultura - que foi trazida da Europa. Mas, conforme já apontado, a cultura por si só não produz uma identidade: a etnicidade se dará na medida em que interações forem travadas entre indivíduos de diferentes culturas. A identidade étnica é dinâmica e, mesmo que a língua perca força como característica de distinção, isso não necessariamente significa que a etnicidade se perdeu: ela simplesmente está se transformando (BARTH, 2011).

Com a chegada de Vargas ao poder, em 1930, houve um recrudescimento das políticas restritivas às línguas de diferentes grupos de origem imigrante. No Paraná, desde a década de 1920 já havia ações governamentais para fiscalizar as escolas nas colônias de imigrantes; mas foi principalmente com a instalação do Estado Novo, em 1937, que o Estado brasileiro passou a efetivamente fazer esforços para que leis antigas fossem cumpridas e a implementar nova legislação sobre o tema (RENK, 2009, p. 59). No final

¹⁶ Ir. Inês. **Entrevista** realizada em 31 de agosto de 2018; Ir. Teodósia. **Entrevista** realizada em 23 de agosto de 2018.

¹⁷ Embora fundado em Prudentópolis e tendo o maior número de suas integrantes no município, as casas do Instituto não se limitaram ao local de fundação. No Brasil existem casas em Ponta Grossa, Curitiba e Ivaiporã. Na Argentina há uma casa em Oberá, província de Misiones, e no Paraguai uma em Encarnación. Além disso, algumas catequistas trabalham nos EUA (METROPOLIA.c. s/d).

da década de 1930, após o início do conflito bélico mundial e depois do alinhamento brasileiro às forças contrárias à Alemanha, o cenário se complicou bastante. O contexto, que já era desfavorável aos grupos que falavam idiomas diferentes do vernáculo nacional, ficou ainda mais difícil. Nesse contexto é que o Pe. Cristóforo Myskiw fundou o Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus: “Uma associação de jovens professoras que pudessem ir ao interior, dar aulas, ensinar a catequese, *a língua e a cultura ucraniana sem chamar a atenção das autoridades* para crianças e jovens [com] *o dever de preservar a língua ucraniana*” (Cat. Verônica. Grifo nosso).¹⁸

Ao longo de quase 80 anos da existência do Instituto houve transformações na sociedade prudentopolitana, e a proibição e perseguição em razão do uso da língua deixaram de existir. Mas o interessante é que, em um ambiente hostil, houve uma reação à ameaça ao idioma ucraniano. Contra a estratégia da proibição, expediente do forte, portanto, do Estado brasileiro, os imigrantes ucranianos utilizavam táticas, expediente dos mais fracos, e uma dessas táticas foi formar moças para o trabalho junto às famílias: “Eram poucos os padres e não conseguiam atender a população, assim como as irmãs Servas de Maria Imaculada, eram em poucas e suas normas e o uso do hábito impunham-lhes alguns limites” (Cat. Nádia). As integrantes do Instituto, conforme lembra Nádia, podiam desempenhar seu papel sem chamar a atenção, e esse foi o seu grande diferencial.

Legitimadas pela Igreja e reconhecidas pela comunidade ucraniana, as catequistas puderam desempenhar sua missão, em parte, pelo fato de não se distinguirem das pessoas pela roupa e por se integrarem às comunidades onde passaram a atuar. Além do trabalho religioso, a manutenção da língua era um ponto central para elas: “A partir de sua fundação até a presente data as catequistas cultivam o idioma ucraniano” (Cat. Nádia).

Dentro do clero ucraniano, sobretudo entre os padres entrevistados, o Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus é visto como uma instituição fundamental na manutenção da língua e da identidade:

Então eu me arriscaria dizer que elas são mais conversadoras da questão da língua e dos costumes que talvez os padres e as irmãs. Porque elas têm isso no seu DNA digamos assim, elas têm nas Constituições delas isso como um princípio, elas têm que divulgar a cultura, manter

¹⁸ Cat. Verônica (1963). **Entrevista** realizada em 05 de setembro de 2018.

quanto mais a cultura ucraniana, a dança, a arte, o bordado, a culinária e também dentro disso a língua ucraniana. (Pe. Adalton).

Podemos somar à análise do Pe. Adalton a questão já mencionada por Nádia, quando esta relatou o episódio em que, à revelia do trabalho das catequistas, as missas em determinada comunidade passaram a ter o Evangelho e a homilia em português. Algo que não desagradou apenas às pessoas mais velhas, pois o Instituto estava se esforçando para que a língua continuasse sendo utilizada.

A catequista Marta fundamenta sua fala sobre a importância da Instituição em livro sobre o fundador do Instituto¹⁹:

As mesmas já foram fundadas com o intuito de catequisar e preservar a cultura. Pois, conforme temos descrito no livro “Cristoforo O Portador de Cristo”, página 38, livro que fala da instituição e da vida das catequistas, onde Pe. Cristoforo afirma: mesmo os padres ajudando nos trabalhos as pastorais estavam deficientes. Os jovens afastavam-se das igrejas, as crianças cresciam sem conhecer sua cultura, o rito e a língua de seus pais. Preocupado com esta realidade o Pe. Cristoforo funda as catequistas, as quais até hoje, além do trabalho profissional dedicam seu tempo para trabalhos pastorais e culturais. (Cat. Marta)²⁰.

Marta chama a atenção para o momento da fundação do Instituto e as preocupações de seu fundador. Ao analisarmos o livro mencionado, verificamos que, desde a criação, nos primeiros relatórios enviados à Cúria Geral da Ordem Basílica em Roma, a questão identitária e a preocupação com a manutenção da língua eram colocados como objetivos fundamentais do trabalho das catequistas (CRISTÓFORO, 2003, p. 48).

¹⁹ **CRISTÓFORO O portador de Cristo**: esboço biográfico do fundador do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus. Prudentópolis, 2003.

²⁰ Cat. Marta (1986). **Entrevista** realizada em 05 de setembro de 2018.

O trecho acima citado por Marta, extraído do esboço biográfico do Pe. Cristóforo, mostra, indo de encontro ao dito pelo Pe. Adalton, que está no DNA das catequistas a preservação da língua, e que o objetivo da criação do Instituto ia além da questão religiosa. Não só objetivava preservar o rito como defendia a cultura ucraniana como um todo. Isto pode estar relacionado à ideia de uma *cultura imigrante*, ou seja, não apenas uma cultura europeia transportada para o Brasil, mas a prática dessa cultura em contato com o cenário encontrado em terras paranaenses (ANDREAZZA; NADALIN, 1994, p. 62). A informação enviada à Cúria demonstra como a identidade estava estreitamente atrelada à língua; lembremos que a proibição de Vargas ao uso das línguas estrangeiras teria sido um dos motivos que levaram o Pe. Cristóforo a idealizar tal instituição.

No esboço biográfico do fundador do Instituto está pontuado que as catequistas devem “preservar o rito e a *consciência de sua origem* no seu meio interno e também no meio externo *através do ensino da língua* e do canto” (CRISTÓFORO, 2003, p. 48. Grifo nosso.). Portanto, as integrantes do Instituto Secular das Catequistas desempenharam um papel religioso importante junto aos moradores das diversas localidades de Prudentópolis, e este trabalho espiritual foi sempre indissociável da linguagem e do seu ensino, pois o ensino do catecismo se deu, ao longo de mais de 70 anos, majoritariamente em idioma ucraniano.

Atualmente as catequistas possuem o direito ao discurso, ou seja, detêm condições de exercê-lo e estabelecer “verdades”, conforme escreveu Foucault (2009, p. 17). Mas esse direito à fala não foi exercido desde sempre; no início elas, por não usarem hábito e serem uma organização totalmente distinta do que era conhecido até então, foram alvo da desconfiança da comunidade (CRISTÓFORO, 2003, p. 8). Com o passar do tempo e com o apoio institucional da Ordem Basiliiana, o Instituto adquiriu *status* próprio, a ponto de as catequistas terem seu discurso reconhecido (BOURDIEU, 2009, p. 134).

Mas, mesmo gozando das prerrogativas institucionais, as transformações sociais ao longo dos anos interferem no êxito de seu trabalho, sobretudo no que diz respeito à preservação da língua. As catequistas entrevistadas reconhecem que é cada vez mais difícil manter o idioma; as respostas também convergem quando questionadas sobre o ucraniano ser um fator fundamental na identidade dos descendentes de imigrantes em Prudentópolis.

Mas, assim como ainda existem crianças que, no início do século XXI, aprenderam primeiramente o ucraniano (SIMIONATO, 2012, p. 15), demonstrando a

vitalidade do idioma, conforme ressaltou Ogliari (1999, p. 22), o catecismo ensinado pelas catequistas sempre que possível o privilegia, conforme informações da entrevista com Cleber (1992): “A minha [catequese] foi completa em língua ucraniana. Aí depois que eu saí da catequese foi mudando e agora a catequese já não é mais ucraniana completo”²¹. O entrevistado frequentou o catecismo no final da década de 1990, período em que o aprendizado do português em primeiro lugar era a regra. No entanto, as catequistas ainda conseguiam dar aulas na língua eslava, atestando a continuidade na busca de objetivos traçados ainda na década de 1940, quando Pe. Cristóforo idealizou o Instituto.

Considerações finais

O que nos interessa aqui é a atuação do clero no Brasil, especialmente em Prudentópolis, no que diz respeito à manutenção do ucraniano e, a partir deste, da identidade étnica ou etnocultural ucraniana. No município a atuação de catequistas, padres basilianos e freiras se mostrou indissociável do idioma; à medida que este é mais ou menos dominado, há a necessidade de repensar a própria identidade, bem como suas fronteiras.

Analisando as falas dos membros do clero que atuam no município é possível perceber que há certa predominância de uma identidade etnocultural, pois, de acordo com Cuche (2002, p. 176-182), a cultura é mais inconsciente, enquanto a identidade é mais uma escolha em contraste com o diferente. Essa situação é vislumbrada nas falas dos padres e em documentos como o esboço biográfico do padre Cristóforo. Outra questão importante que surge a partir da fala dos religiosos é a ideia de que, sem a Igreja e seus rituais, não haveria o porquê da manutenção do idioma. Isso nos leva a questionar: se a Igreja traduzir todos os seus rituais, acabará a identidade étnica em Prudentópolis?

O fato de as pessoas deixarem de falar em língua ucraniana não necessariamente marca o fim de uma identidade étnica ou etnocultural, pois, conforme pressupostos da teoria barthiana, a etnicidade é uma construção. Como a identidade se dá em situações relacionais, como observou Cuche (2002, p. 182), ocorre não um abandono ou perda: o que acontece é a mudança/transformação/substituição dos fatores antes ressaltados. A diminuição do número de falantes do idioma eslavo é verificável, o que nos leva a afirmar não o fim das fronteiras, mas a sua mobilidade.

²¹ Cleber (1992). **Entrevista** realizada em 14 de dezembro de 2017.

É impossível prever ou afirmar o “fim da identidade étnica” caso a liturgia seja totalmente traduzida. Embora a Igreja e a liturgia tenham sido fundamentais, não se pode afirmar de modo incontestado que, sem elas, a identidade étnica não poderia ter se construído e que as fronteiras identitárias a partir da língua teriam inexistido ou deixado de existir. O que podemos afirmar é que, ao longo do século XX, a identidade ucraniana teve no idioma um de seus fatores de distinção e que a Igreja contribuiu para isso.

Como em todo processo social é impossível prever seus desdobramentos, ainda que possa ser apontada alguma tendência. Além disso, não é função do historiador fazer previsão, não faz parte do seu ofício. As diferentes gerações que convivem sofrem influências mútuas e o que é possível perceber é que a língua ucraniana paulatinamente vai sendo falada por um número menor de pessoas. Mas não é possível afirmar que a identidade está acabada. Apenas podemos reforçar o caráter móvel das fronteiras étnicas e a constante construção e reconstrução identitária.

Fontes orais

- Adriane (1986), *entrevista*, 23 maio. 2017.
Carlos (1985), *entrevista*, 23 maio. 2017.
Catequista Marta (1986), *entrevista*, 05 setembro. 2018.
Catequista Nádia, *entrevista*, 31 agosto. 2018.
Catequista Verônica (1963), *entrevista*, 05 setembro. 2018.
Cecília (1942), *entrevista*, 20 janeiro. 2017.
Claudete (1980), *entrevista*, 25 maio. 2017.
Cleber (1992), *entrevista*, 14 dezembro. 2017.
Irmã Inês, *entrevista*, 31 agosto. 2018.
Irmã Teodósia, *entrevista*, 23 agosto. 2018.
Padre Adalton, *entrevista*, 14 setembro. 2018.
Padre Antônio, *entrevista*, 18 agosto. 2018.
Padre Tarcísio, *entrevista*, 17 agosto. 2018.
Sofia (1952), *entrevista*, 20 janeiro. 2017.
Sônia (1949), *entrevista*, 25 maio. 2017.

Referências

- ADAM, Gabriel Pessin. *As relações entre Rússia, Ucrânia e Balarus e o papel que nelas exercem os recursos energéticos*. Porto Alegre, 2008. 273 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- ANDREAZZA, Maria Luiza. *Paraíso das delícias: estudo de um grupo imigrante ucraniano 1895-1995*. Curitiba, 1996. 412 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.
- ANDREAZZA, Maria Luiza; NADALIN, Sérgio Odilon. O cenário da colonização no Brasil Meridional e a família imigrante. In: *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*. Campinas, 11. 1994.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. De peregrino a turista, o una breve historia de la identidad. In: HALL, Stuart. DU GAY, Paul. *Cuestiones de identidad cultural*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. *Economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- CRISTÓFORO O *portador de Cristo*. Esboço biográfico do fundador do Instituto Secular das Catequistas do Sagrado Coração de Jesus. Prudentópolis, 2003.
- CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. 2ª ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- FARIA, Johnwill Costa. A tradução entre a cruz e a espada: fidelidade versus traição. In: REVELLI – *Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG*, Inhumas – GO. V. 2. Nº 1, março 2010.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. 19ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

HANICZ, Teodoro. Ucranianos greco-católicos no Paraná hibridismo, rito, religiosidade e outras misturas. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. V, n.15, jan/2013.

MARINHUKI, Pe. Mário. *Metropolia São João Batista do Rito Ucraniano Católico*. Disponível em: <https://metropolia.org.br/wp-content/uploads/2015/03/3.7.6-Metropolia-Historia.pdf>. Acesso em 26/07/2018.

MARTINY, Franciele Maria; MENONCIN, Camila. O estudo do bilinguismo e da diglossia para uma perspectiva linguística educativa. In: *Web-Revista SOCIODIALETO*. UEMS – Campo Grande, v. 4, nº 11, nov. 2013.

METROPOLIA CATÓLICA UCRANIANA SÃO JOÃO BATISTA. Paróquia São Josafat. Disponível em: <https://metropolia.org.br/eparquia/prudentopolis-sao-josafat/>. Acesso em 26/07/2018a.

METROPOLIA CATÓLICA UCRANIANA SÃO JOÃO BATISTA. Irmãs Servas de Maria Imaculada. Disponível em: <https://metropolia.org.br/vida-consagrada/irmas-servas-de-maria-imaculada/>. Acesso em 26/07/2018b.

METROPOLIA CATÓLICA UCRANIANA SÃO JOÃO BATISTA. Instituto Secular das Catequistas do S.C.J. Disponível em: <https://metropolia.org.br/vida-consagrada/instituto-secular-das-catequistas-s-c-j/>. Acesso em 26/07/2018c

OGLIARI, Marlene Maria. *As condições de resistência e vitalidade de uma língua minoritária no contexto sociolinguístico brasileiro*. Florianópolis, 1999. 536 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

RENK, Valquíria Elita. *Aprendi falar português na escola! O processo de nacionalização das escolas étnicas polonesas e ucranianas no Paraná*. Curitiba, 2009. 243 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SIMIONATO, Marta Maria. *O processo de alfabetização e a diáspora da língua materna na escola: um estudo em contexto de imigração ucraniana no sul do Brasil*. Florianópolis, 2012. 291 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SKAVRONSKI, Maria Inêz Antonio. *Rezar e Benzer: rituais sagrados e identidade étnica em Prudentópolis – PR (1990-2014)*. Ponta Grossa, 2015. 153 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

SOUZA, José Pinheiro. Teorias da Tradução: uma visão integrada. In: *Revista de Letras*. N° 20, V. 1/2. Jan-Dez, 1998.

TAMANINI, Paulo Augusto. *A prece ucraniana na pressa da cidade: as renegociações das práticas religiosas ucranianas nos espaços da cidade de Curitiba a partir de 1960*. Curitiba: CRV, 2017.

ZAWADZKI, Lídia. *O dialeto ucraniano na colônia Tijucu Preto*. Irati/PR: UNICENTRO, 1998. (Monografia de Especialização).